

# Fazer Justiça JORNAL DE BRASÍLIA

Faço, hoje, exercício de crítica e autocrítica, relativamente à postura que meus companheiros e eu adotamos rompendo com o presidente José Sarney. Abdicamos da capacidade e do dever de influenciar sobre os rumos do seu governo. Fomos impacientes. Cedemos à tentação da oposição fácil, que "purifica" e torna popular o Catão da vez. Não aceitamos o acordo, que garantiria cinco anos de mandato para quem tinha direito a seis, em troca do parlamentarismo.

Cuidamos, enfim, de nós mesmos, taticamente, talvez, até com muito êxito, porque formamos um grande partido e chegamos rapidamente à Presidência da República... que não conseguiríamos desempenhar a contento sem os votos parlamentares, sem os quadros políticos e técnico ligados a Sarney. Diga-se de passagem, aliás, que é permanentemente cooperativa a postura desse dirigente, apoiando as reformas, nunca negando o concurso da ação mediadora e equilibrada, nas horas de crise aguda.

Do ponto de vista político, o período Sarney foi amplamente vitorioso. Leal a Tancredo, manteve os acordos que o grande mineiro havia concertado com PMDB e Frente Liberal. Fiel ao Muda Brasil, liderou com absoluta firmeza a transição democrática, desmontando os alicerces do regime autoritário, legalizando os partidos clandestinos, garantidos as liberdades individuais e públicas, fazendo reinar a paz - suprimida por 21 anos de rudes atribulações - na vida e na alma de cada brasileiro.

Sob o aspecto econômico, registra-se a bela tentativa que foi o Plano Cruzado, que não se perdeu de todo até porque suas experiências serviram de base e parâmetro para a confecção do próprio Plano Real, que se constitui no mais engenhoso e bem sucedido programa de estabilização conhecido por este País.

Estritamente sob o ângulo administrativo, o governo Sarney deixou a desejar. Sobretudo quando se viu só, isolado, envolvido por setores que se uniformizam na falta de usadia e no sentimento de mesmice diante da coisa pública.

Sua gestão ia mal e todos dela se afastavam, alguns até nem se afastando fisicamente. Vieram as eleições de 1989 e a punição foi geral: Ulysses Guimarães, estribado no capilar e poderoso PMDB, vinculado profundamente à máquina administrativa sob Sarney, obteve irrisórios três milhões de votos. Aureliano Chaves, apoiado pelo PFL, estacionou em 800 mil sufrágios, votação idêntica àquela conquistada pelo desconhecido Yedo Fiúza, apoiado por Luiz Carlos Prestes, 43 anos antes, em poucas semanas de campanha para o Catete. Mário Covas, em campanha que consolidaria o PSDB nacionalmente, não se livrou do quarto lugar, no primeiro turno daquele pleito.

Separadas as forças que hoje, basicamente, garantem governabilidade a Fernando Henrique, fracassaram eleitoralmente e permitiram a vitória de um *out-sider* sem partido(s) consistente(s) a sustentá-lo.

Sem passado que justificasse perspectiva presidencial. Com a equipe técnica tomada emprestado de partidos a ele opostos. Sem caderneta de endereços que lhe permitisse escolher, segura e sensatamente, gabinete de ministros.

Venceu o *out-sider*, estribado no enfrentamento desabrido ao governo problemático em que se havia transformado a presidência de Sarney. Uns fingiam não ter nada a ver com aquilo. Outros exercitavam um oposicionismo verbal que se chocava com a ligação, física até, com os centros de decisão governistas. Outros ainda alçavam vôo solo, superestimado suas próprias possibilidades iniciais.

O resultado foi contundente: em terceiro lugar, Leonel Brizola, que por pouco não suplanta Lula, a bordo de um pequeno partido, com reduzidas possibilidades de formar efetivas condições de governabilidade. Na polarização final, Lula, que tampouco tinha partido(s) suficiente(s) para governar vitoriosamente o País, versus Fernando Collor, que não contava com partido nenhum e, consagrado pelas urnas, tentou governar, sem o conseguir, com forças que dele desconfiavam, que não o apreciavam, que não o aceitavam verdadeiramente.

José Sarney, diante de tudo isso, conduziu os fatos com habilidades, até a posse do sucessor. Competentemente, operou a superação do autoritarismo. Generosamente, facilitou, em todos os detalhes, a transição administrativa. O mesmo Sarney que, abafado pela embriaguez democrática nacional com a "Constituição-cidadã", foi a primeira voz credenciada a avisar que, na generosidade sem lastro econômico da Carta de 88, estava o vírus da inviabilização do futuro brasileiro de curto prazo.

No alvorecer do terceiro milênio, o Brasil tem chance de ouro de não repetir o mesmo equívoco.

Quanto a Sarney, pode até ser cedo para escrever História. Espero sinceramente, que não seja tarde para se fazer justiça.

